



### III Simposio Internacional de Historia de la electrificación. Ciudad de México, Palacio de Minería, 17 a 20 de marzo de 2015

## **A PROPRIEDADE CONTRA A APROPRIAÇÃO: A LIGHT E O FUTEBOL DE VÁRZEA EM SÃO PAULO**

Glauco Roberto Gonçalves

Doutorando em Geografia Humana na Universidade de São Paulo

[glauco.goncalves@usp.br](mailto:glauco.goncalves@usp.br)

### **A propriedade contra a apropriação: a light e o futebol de várzea em São Paulo (Resumen)**

Nas primeiras décadas do século XX o futebol já se espalhava pela cidade de São Paulo. Foi sobretudo nas várzeas meândricas dos rios Tietê e Pinheiros que o futebol se consolidava estabelecendo algo que pode ser classificado como uma consistente geografia do lúdico em São Paulo. Neste período a cidade de São Paulo ficou conhecida no país como a cidade do trabalho por sua rápida e frenética industrialização e urbanização, e por seu crescimento econômico e populacional. Contraditoriamente, com seus mais de mil campos de futebol, sendo a grande maioria localizados nas várzeas dos rios, São Paulo também foi uma cidade tomada pelo futebol - sobretudo até as décadas de 1940-1950.

Todavia, a modernização demandava energia elétrica e dela surge o projeto de retificação dos rios Tietê e Pinheiros, visando transformá-los em canais por onde a água seria direcionada à usina de Henri Borden. A retificação feita pela *Light* colocou fim às mais variadas formas de uso das várzeas destes rios. Com a retificação o curso destes rios, bem como suas várzeas, tornou-se propriedade da *Light* que passou a eliminar toda e qualquer forma de apropriação.

**Palavras chave:** “*The São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*”, futebol de várzea, retificação dos rios Tietê e Pinheiros.

### **Propiedad contra apropiación: la luz y el fútbol en las riberas de los ríos de São Paulo (Resumen)**

En las primeras décadas del sigl XX el fútbol ya se extendía por la ciudad de São Paulo. Fue sobre todo en los meandros del los río Tietê y Pinheiros que este deporte se consolidaba estableciendo algo que puede ser clasificado como una consistente geografía del juego en era ciudad. En este período, la ciudad de São Paulo era conocida como una ciudad del trabajo por su rápida y frenética industrialización y urbanización, y por su crecimiento económico y poblacional. Contrariamente, con sus más de mil campos de fútbol, la mayoría localizados en los meandros de los ríos, São Pualo también fue una ciudad tomada por el fútbol, sobre todo has ta las décadas de 1940-1950.

Sin embargo, la modernización pedía energía eléctrica y con ella surge el proyecto de rectificación del curso de los río Tiête y Pinheiros, convirtiéndolos en canales por donde el agua se dirigiría hasta la central Henri Borden. La canalización hecha por la *Ligth* puso fin a las más

variadas formas de uso de las riberas de estos ríos. Con la rectificación el curso de éstos así como sus riberas se convirtieron en propiedad de la Light que pasó a eliminar cualquier otra forma de apropiación.

**Palabras clave:** La *São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*, fútbol de ribera, rectificación de los ríos Tietê y Pinheiros

**The property against appropriation : the light and the football in São Paulo lowlands  
(Abstract)**

During the first decades of the twentieth century football was already spreading through the city of Sao Paulo. There, in the meander floodplains of rivers Tietê and Pinheiros, football was consolidated, establishing something that can be classified as a consistent geography of the ludic. Because its fast industrialization and urbanization, and its economic and population growth the city of São Paulo became nationally known as the city of work. Paradoxically, with its more than a thousand football fields located in the rivers's floodplains, São Paulo was also a city taken by football - especially until 1940-1950.

However, modernization demanded electricity and that was the trigger to the rectification project of Tietê and Pinheiros rivers. The project aimed at canalizing the rivers to direct the water to the Henri Borden power plant. This canalization promoted by *Light* put an end to the various forms of use of the floodplains of these rivers. With the rectification these rivers's course as well as their floodplains became *Light's* property, which eliminated all others forms of use and appropriation.

**Key-Words:** “The *São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*”, floodplain's football, rectification of Tietê and Pinheiros rivers.

O percurso constitutivo projetado para este artigo toma como premissa o desenrolar histórico dos acontecimentos que formaram a metrópole de São Paulo. Todavia, o viés escolhido para traçar a análise de modo geral destoa das abordagens mais usuais. Isto porque centro minhas observações e análises sobre o processo de urbanização de São Paulo a partir das práticas lúdicas que se espacializavam com força e irradiação nas primeiras décadas do século vinte, e que foram sendo ceifadas de modo abrupto e violento com o crescimento frenético da cidade e de suas atividades econômicas, que transformaram o espaço urbano em valiosa -e cada vez mais rara- mercadoria. Na medida em que o espaço se valorizava, enquanto produto vendável, as práticas lúdicas e gratuitas iam perdendo irradiação e possibilidade de existência. Sem dúvida o futebol era uma delas. Uma das mais fortes e disseminada delas.

A possibilidade de usar o futebol e seu espaço de jogo para compreender as drásticas e velozes transformações que se efetivaram em São Paulo entrecruza-se com a força e a magnitude que a *The São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*, popularmente conhecida como “Light”, obteve na sociedade e no espaço paulistano ao longo do século XX.

A Light teve papel e contribuição decisiva nesta destituição de uma cidade com uma ampla espacialidade voltada ao lúdico, pois foi esta empresa que levou à cabo o processo de retificação dos dois maiores e principais rios que cortavam a cidade, fato que redefiniu completamente as formas e possibilidades de usar o espaço em São Paulo. Era, sobretudo no entorno destes rios que centenas de campos de futebol, de clubes de futebol e de regatas, existiram até o processo de retificação dos rios foi posto em curso pela Light.

No primeiro momento do texto tentarei apresentar e caracterizar a constituição de uma São Paulo tomada pelo jogo de futebol, sobretudo - mas não só-, nas margens dos rios Tietê e Pinheiros com a constituição do que chamei de uma ampla geografia do lúdico.

No segundo momento tento expor a perda qualitativa incomensurável que se deu com a retificação dos rios proposta e executada pela Light que colocou fim nas possibilidades de usar as várzeas, as margens e as águas dos rios para o lazer e para o divertimento, inaugurando uma cidade quase que destituída de espaços ociosos, livres, e destinados aos jogos e aos demais divertimentos.

### **A popularização radical: o futebol improvisado toma a cidade**

Centrarei minhas considerações sobre o processo de popularização, que considero radical, tomando como parâmetro a cidade de São Paulo, não só porque foi a cidade aonde centrei meus estudos sobre o tema, mas também porque nela se viu a constituição de uma espacialidade ampla e profunda do jogo, atrelada à vida de bairro e ao próprio processo de urbanização<sup>1</sup>. Creio, entretanto, que guardadas as devidas especificidades, a popularização futebolística e sua ampla possibilidade adaptativa se realizou Brasil à fora, tornando-se uma constante nas mais variadas cidades do país, ainda que realizada em diferentes contextos e espaços. Se em São Paulo a várzea merece destaque pode ser que a praia em cidades litorâneas tenha tido o mesmo ou similar papel.

Para tratar da difusão eloquente que o futebol, em todas as suas possibilidades e formas de se jogar, se espalhou pela cidade convém ressaltar a tentativa elitista de assegurar e manter o futebol exclusivamente como esporte das classes abastadas.

Até a primeira década do século vinte os times da elite e os (poucos e nascentes) times populares se revejavam jogando na várzea do Carmo. As obras de transformação do antigo Velódromo em campo de futebol mudaram este cenário e criam um espaço específico para as classes dominantes jogarem e verem os jogos sem se misturarem à ralé.

O futebol tornara-se popular em várias áreas da cidade. De início, era jogado nas margens dos rios Tamandateí e Tietê. Os ingleses construíram um campo privativo na chácara Dulley. Os alemães jogavam na chácara Witte. Mas a bola também rolava no Belém, no prado da Moóca, no Cambuci e na várzea do Carmo. Durante esse período, e sobretudo no Carmo, clubes de elite e populares alternavam-se em campo. Para evitar essa indesejável convivência, os dirigentes do Clube Atlético Paulistano promoveram, em conjunto com a prefeitura municipal, a transformação do Velódromo existente na cidade em campo de futebol. Daí em diante, os times populares, que permaneceram no Carmo, tornaram-se conhecidos como “varzeanos”<sup>2</sup>

A descrição acima torna evidente o quão significativo foi o esforço programático para separar, em São Paulo, o futebol da elite do futebol popular, e desmerecer e desqualificar este último, tratado como “sem classe”. Ao levar o futebol de elite ao antigo Velódromo, estava garantida a exclusão dos “sem classe” – tanto dos jogos como da plateia. O Velódromo é um marco na *segregação*

---

<sup>1</sup> Seabra, 2003

<sup>2</sup> Santos Neto, 2002, p. 49

*espacial futebolística*, e mostra muito do esforço em negar o futebol como sendo uma manifestação das classes populares<sup>3</sup>.

Também é relevante notar que, já em 1900, pode-se constatar, ainda que de modo incipiente, a existência do futebol de várzea; e em 1905, com a ida do futebol elitista para o Velódromo, o futebol de várzea ganha mais contornos que o caracterizam até hoje. Era (ainda é?) classificado como futebol varzeano aquele que não é da elite, que não “possui classe”, jogado por operários, desocupados, negros, migrantes, etc, em espaços não totalmente formalizados e transformados para o jogo nas proximidades dos rios da cidade de São Paulo.

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o “grande futebol” e o “pequeno futebol”, dos times de várzea. Uns eram dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos *gentlemen* ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de “canelas negras”.

[...] o futebol dos operários, ambulantes e desocupados era enquadrado na categoria de manifestação esportiva indesejável, sem valor e digna de ser reprimida pelas autoridades. A elite paulista não só rejeitava a popularização do futebol entre operários, imigrantes, negros e estudantes dos bairros populares, como também lutava por diferenciar seus cinco times do futebol “não oficial”<sup>4</sup>.

Como se pode ver, não só a *pelada*<sup>5</sup> foi rapidamente “eliminada da história”, mas também foi cerceada a possibilidade de participação conjunta de times populares e elitistas no mesmo campo de jogo. No Brasil tal elite procurou por todos os meios assegurar o monopólio do futebol enquanto prática esportiva, restringindo-a às classes dominantes. A *pelada* era desprezada e sequer considerada parte do universo futebolístico. Chegou-se a proibir o jogo de bola nas ruas de São Paulo das primeiras décadas do século vinte, não muito diferente do que se viu com a capoeira e as práticas religiosas com origens africanas. Todavia, este árduo processo não pode ser assegurado por muito tempo<sup>6</sup>. Com menos de trinta anos desde sua chegada, o futebol já se tornara, nas palavras de Seabra, uma febre que se espalhava pelas cidades.

---

<sup>3</sup> Tinha a elite avançando e conquistando espaço para o seu futebol e se distinguindo dos “futebóis menores”. A imprensa, tal como o Velódromo, foi de grande importância nessa afirmação do futebol das elites. Não só na afirmação, mas na exclusão dos indesejados: “O povo das ruas e dos bairros pobres não era bem-vindo, e o que se divulgava nos jornais era a presença de nobres senhoras e senhores trajando finas toaletes importadas de Paris e elegantes chapéus de coco e palheta. O que se deduzia desse cenário é que o futebol só podia ser assistido e praticado por gente da alta sociedade” (Ribeiro, 2007, p. 26).

<sup>4</sup> Santos Neto, 2002, p. 53-60)

<sup>5</sup> Termo usualmente utilizado para designar o futebol improvisado no Brasil.

<sup>6</sup> A facilidade com que se podia jogar, bastando uma bola (ou algo próximo a isto) e um terreno possibilitava a difusão do futebol. Além disso, a necessidade de vinte e dois jogadores fazia com que os antigos alunos do Colégio São Luís (Ravanche, merece algum destaque), bem como também a “turma” de Miller precisassem recorrer a pessoas não tão abastadas e sofisticadas.

Desde os primeiros anos deste século uma febre foi invadindo todas as ruas, quintais, portas de fábricas, terrenos baldios e o que mais houvesse. As práticas lúdicas do futebol integravam com muita força novas sociabilidades que a sociedade industrial punha em marcha.

Formaram-se times em profusão e os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times de paróquia, com times de vila, com times de cidades. A rua de cima disputava com a rua de baixo e dentro de inúmeras fábricas havia disputas com festivais entre as sessões de trabalho<sup>7</sup>.

As classes populares organizam times e clubes nos moldes e arregimentações exigidas pelo futebol oficial e propunham campeonatos e duelos entre times de outros bairros. Junto com os times surgiam e se disseminavam os campos. Na São Paulo da primeira metade do século vinte chegaram a ser milhares de campos de futebol com tamanho equivalente aos campos profissionais. Em geral tais campos ocuparam as várzeas, áreas que permaneciam, até então, menos valorizadas e ociosas<sup>8</sup>.

Ao mesmo tempo o futebol se difundia improvisado e jogado de acordo com a possibilidade de adaptá-lo, seja ao terreno (a rua, a praia, o terreno baldio, uma parte do pasto, uma beira de rio, etc.), seja ao número de jogadores, seja à bola (de meia, de pelica, de capotão, etc.). A cidade das várzeas ia também se constituindo como a cidade da *pelada*. A popularização do futebol foi radical porque não pediu permissão, porque foi um movimento de massas que moveu e foi movido por um impulso lúdico, uma vontade de jogar radicalmente oposta ao ideário do trabalho; foi radical porque transformou a cidade, seus hábitos e costumes<sup>9</sup>, criando uma geografia do jogo. A elite se engalfinhou no velódromo<sup>10</sup>, o resto da população tomou a cidade inteira com o futebol. “Dormia-se vendo três campos novos e quando se acordava lá estavam, e se estiverem livres do capim, mais meia dúzia”<sup>11</sup>.

A cidade de São Paulo foi sempre reconhecida por sua capacidade e aptidão para o trabalho, mas é preciso lembrar (e não parece por acaso que se esqueceu) que existiu uma São Paulo – simultânea e contraditoriamente – lúdico. Se deu certa geografia destinada ao lúdico<sup>12</sup> nesta

---

<sup>7</sup> Seabra, 2003, p. 340)

<sup>8</sup> “Naquele tempo, 'década de vinte' tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Pode pôr cinquenta campos. Barra Funda entre vinte e vinte e cinco campos. Ipiranga junto com Vila Prudente pode pôr uns cinquenta campos. Vila Matilde uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamentos. (Bosi, 1983, p. 88)

<sup>9</sup> Seabra (1986) lembra que o futebol foi a primeira prática realizada no bairro fora do âmbito da igreja. É claro, lembra ainda esta autora, que a igreja não tardou a buscar suas relações com o futebol e isto pode ser visto na profusão de campos que foram surgindo próximos às paróquias de bairro; este processo também pode ser visto nos padres abençoando times e competições.

<sup>10</sup> Não só se segregou como criou formas de institucionalizar o futebol à “moda inglesa” impedindo que os times populares jogassem seus campeonatos. A voracidade do processo era tamanha que a primeira liga da cidade (LPFB: Liga Paulista de Futebol) acabou admitindo a participação de clubes populares. Por não aceitarem estes times os clubes tradicionais da elite criaram a APEA (Associação Paulista de Clubes Amadores, criada em 1913). Durante quatro anos existiram dois campeonatos simultâneos de futebol da cidade, fato que prova não só o preconceito e a necessidade de auto-segregação da elite paulistana da época como prova também a dimensão quantitativa e qualitativa que o futebol já havia adquirido na cidade, atravessando classes.

<sup>11</sup> Antunes, 1992, p. 19

<sup>12</sup> “As mobilizações em torno do futebol produziam uma Geografia singular; eram práticas que recortavam de

cidade que foi realizada em espaço consideravelmente grande e com uma intensidade e envolvimento amplo, tanto numérico como afetivo. Pode-se ainda localizar, de certo modo, um centro desta geografia do lúdico na São Paulo da primeira metade do século vinte. Estes centros irradiantes foram os Rios Tietê (mais notadamente) e Pinheiros. Naquela época, na perspectiva do adensamento, da industrialização e dos negócios o centro estava consolidado nas ruas do triângulo (Direita, XV de Novembro e São Bento) e do seu entorno; mas da perspectiva do uso lúdico o centro era o entorno da cidade. Nos rios Tietê e Pinheiros (sobretudo, mas não só), como se sabe, se nadava e pescava. Nas suas proximidades, em seu conjunto de várzeas meândricas<sup>13</sup> se reunia e se realizava o futebol em todas as suas facetas, do mais institucional (times, clubes) e adequado às regras oficiais, ao mais despretenso e espontâneo, adaptado de acordo com o contexto.

Ganhou realidade a noção prática de futebol de várzea em São Paulo quando os clubes varzeanos explodiram na década de vinte. A motivação para formar os times e procurar jogo estava nos interstícios da sociedade, parece que atendiam a um certo impulso[...] É um fato extraordinário que o futebol tenha tido tal enraizamento. Que tenha se implantado sem proselitismo, sem discurso justificativo. Em princípio foi unicamente pelo sentido prático que lhe dava o povo que o futebol saiu das elites e se difundiu pela sociedade manifestando enorme inteligência criativa. A partir de tais constatações não surpreende que o *slogan* segundo o qual a várzea teria sido um “celeiro de craques”, no país do futebol, seja sempre reiterado<sup>14</sup>.

A cidade de São Paulo das primeiras décadas do século vinte teve parte considerável de sua espacialidade constituída pelos campos de várzea, e esta espacialidade era preenchida com um uso do tempo voltado ao jogo. É preciso destacar a magnitude deste processo no seio da vida cotidiana dos paulistanos daquela época<sup>15</sup>. O futebol varzeano, com sua gratuidade, preencheu um lugar especial e profundo na vida social da cidade. Se a cidade de São Paulo foi classificada

---

diferentes maneiras o espaço social da cidade com seus bairros” (Seabra, 2003, p. 382).

<sup>13</sup> Aliás é preciso salientar que a horizontalidade destas várzeas, comum em rios que correm em planícies e bacias sedimentares, foi um propulsor do jogo e do esporte. Se somadas esta característica à da desvalorização destas áreas é possível encontrar a explicação da amplitude e da dimensão que o futebol de várzea ganhou em São Paulo. Não deixa de ser sintomático que o termo futebol de várzea passou a ser adotado como o termo que designa todo e qualquer futebol amador e improvisado. Também me parece relevante pontuar que a própria presença deste tipo de futebol e de sua designação ser corriqueira e difundida no vocábulo dá pistas da sua amplitude, bem como de seu arraigamento na cultura popular paulistana. Por fim, é preciso dizer que o processo de retificação dos rios Pinheiros e Tietê marca um novo lugar para aquelas várzeas que, até então, eram eminentemente lúdicas. O vertiginoso crescimento da cidade avançava em direção às várzeas, valorizando-as. Junto disso, e por conta disso, a empresa canadense The Brazilian Traction, popularmente conhecida como Light avança seu controle sobre o curso das águas destes dois rios, e ao realizar a retificação que tornou ambos em canais retilíneos, esta empresa obteve o direito e a propriedade sobre as áreas que configuravam o antigo curso tanto do Tietê como do Pinheiros. De pronto a diretoria desta empresa proibiu o uso das várzeas para o jogo (bem como para a pesca, ou para a retirada de areia, entre outras atividades).

<sup>14</sup> Seabra, 2003, p. 344

<sup>15</sup> “Eram por volta de setecentos clubes nos anos quarenta. Porque não dizer que os clubes chegaram a ser coletivos que se assumiam perante a cidade enquanto representantes dos seus bairros? São Paulo era uma cidade de bairros com hinos, flâmulas, bandeiras e camisas de clubes, que emergiam ao sábados, domingos e feriados” (Seabra, 2003, p. 364).

como a cidade industrial, simultânea e contraditoriamente, deve ser classificada (sobretudo na primeira metade do século vinte) como a cidade do futebol de várzea, que não só tomou conta de uma vasta área<sup>16</sup>, mas ocupou lugar de destaque na vida social paulistana. Em um comunicado de 1931 no jornal “A Gazeta” convocada os times varzeanos para um campeonato (Taça São Paulo) é possível ver um pouco da magnitude deste processo:

[...] Vede, a várzea é bem o reflexo da grande metrópole, melhor, o produto mais vivo de sua tenacidade [...] No reboiço phantasmático deste campeonato gigante [...] a gente fica pensando que há mais varzeanos que vehiculos pelas ruas de nossa Paulicéia dinamica e formidável [...]<sup>17</sup>

Mas a cidade dos campos de várzea ia se constituindo também como a cidade do futebol improvisado para além das margens dos rios. Brotavam campos em áreas não eram necessariamente varzeanas, mas ainda assim eram nomeadas. Também foram surgindo os famosos campinhos de terrenos baldios onde, sobretudo as crianças, se deleitavam no jogo de bola, bem como em outras tantas práticas lúdicas como o pipa, o peão, a bola de gude; e ainda o mãe-da-mula, o pega-pega, o esconde-esconde, etc. A própria rua se configurou como um lugar próprio de jogo. Embora seja muito distante do que se vive hoje, e por isso também mais difícil de acreditar, as ruas da cidade de São Paulo já tiveram no futebol umas das suas principais atividades e formas de ocupação e uso<sup>18</sup>. Na rua a improvisação e a liberdade criativa avançaram para além de qualquer limite. Ali, o jogo de bola, a *pelada*, transcendeu radicalmente o futebol, o esporte. Na rua (bem como na praia) o futebol pode ser jogado negando toda e qualquer forma e regra pressuposta. Joga-se sem gol, sem juiz, sem goleiro, sem saída de bola e sem falta: tudo ao mesmo tempo, em uma mesma modalidade<sup>19</sup>. O futebol não só foi amplamente subvertido pela rua, como a rua foi subvertida pelo futebol.

Mas também o futebol acontecia com ou sem clubes, porque explodiu como uma grande paixão. Crônicas da época não cansam de relatar que as ruas foram transformadas em campos de futebol, Nas ruas dos bairros chiques a bola era de pelica, de gomos coloridos, enquanto nas ruas dos bairros pobres era de meia. Havia moleques jogando bola o dia inteiro no meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> Mais de mil campos se considerados em média um hectare por campo (ainda que a grande maioria destes campos tinha também um clube, uma área social, o que os tornava ainda maiores em metros) se pode falar em mais de dez mil metros quadrados de espaço destinado à bola, ao jogo.

<sup>17</sup> Apud In: Seabra, 2003, p. 373

<sup>18</sup> Não são raras, ainda hoje, as placas de transito espalhadas pela cidade alertando os motoristas que naquela rua se joga bola. Entretanto, tem sido mais fácil encontrar as placas do que o jogo. Tais placas são só mais uma manifestação da profundidade da relação que o futebol e a rua já tiveram.

<sup>19</sup> Apresentei no I Simpósio Nacional do Futebol um artigo, parte dos meus estudos de mestrado, intitulado “Modalidades e (ausência) de regras no futebol de rua”. Neste texto procuro abordar algumas das modalidades e formas de jogar futebol de rua ainda presente (?) nas ruas de São Paulo. Jogos como o bobinho, paredão, três-dentro-três fora e linha são potentes exemplos da dinâmica envolvendo o futebol e suas possibilidades de jogar na rua.

<sup>20</sup> Debortoli & Martins, 2008, p. 141)

Mesmo em áreas mais nobres da cidade o jogo, embora em menor constância e riqueza, a infância e a rua (dentre outros espaços públicos e semi-públicos) se realizavam e se relacionavam com uma constância significativa, gerando noções e formas de apropriação do espaço, bem como relações de vizinhança e de amizade. Bento Prado<sup>21</sup> afirma que na década de 40 era comum o uso das ruas, mesmo em bairros mais ricos e sofisticados para o jogo:

O leitor de hoje achará muito ousada a tarefa de jogar futebol, ao meio da tarde, na alameda Santos, perto da Brigadeiro, ou no início da Cardoso de Almeida, onde se abre, de cima, o Sumaré. E, no entanto, para mim, era prática trivial. Não me lembro de carros que atrapalhassem demais nossa prática cotidiana. Prática que implicava um sistema de regras – uma arte – hoje inimaginável.

Não foi por acaso que Florestan Fernandes se dedicou ao estudo destas práticas infantis que tomavam conta da cidade<sup>22</sup>. A sociabilidade infantil, posta pelo e no urbano daquela época, se dava no entrecruzamento de grupos de crianças (de origens étnicas e de classes sociais diversas) no espaço público (ou tomado enquanto tal, como é o caso dos terrenos baldios que, embora eventualmente tivessem proprietários, eram apropriados como se fossem a extensão da rua). Eram impossível separar a infância da cidade e, conseqüentemente, de suas práticas lúdicas. A geografia do lúdico que podia ser visualizada na São Paulo da primeira parte do século vinte não se restringiu às várzeas, capturou – sobretudo por meio das crianças – espaços centrais da cidade, e teve na rua um de seus lugares por excelência.

Não são raros os depoimento e escritos que dão a dimensão qualitativa e quantitativa deste “assalto” que a *pelada* realizou sobre a cidade. Inclusive, é recente, não chega a meio século, a possibilidade de separar de modo tão abrupto o jogo de bola, o futebol improvisado do uso da cidade. Cidade e futebol se fundiam de tal modo que se era impossível a existência, até pouco

---

<sup>21</sup> Consultado em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u89110.shtml>. Dia 26/05/2008. Vale destacar que não só aqueles que seguiram profissionalmente o caminho do futebol que usavam a cidade para jogá-lo. O filósofo Bento Prado Júnior é mais um exemplo da dimensão que o jogo ocupou na cidade. Autores como João Antônio e João do Rio capturaram momentos do subterrâneo, do negado, do miúdo. Vê-se em tais obras a dimensão que a rua detinha, inclusive em seus aspectos lúdicos.

<sup>22</sup> Estes grupos infantis eram conhecidos como “trocinhas”. Segundo Fernandes (1961): As trocinhas estão condicionadas ao desejo de brincar – à recreação, como os demais tipos grupos infantis. Suas atividades, todavia, excedem aos limites da recreação em si mesma assumindo aspectos diferentes as relações entre seus componentes e destes relativamente ao seu grupo e as relações das diversas ‘trocinhas’ entre si. A condição básica para a formação das ‘trocinhas’ é a vizinhança. A continuidade espacial das famílias facilita a síntese social dos indivíduos, embora não os crie. (Fernandes, 1961:159). O autor destaca ainda a variedade e a diversidade das trocinhas: “Uma mesma vizinhança pode conter várias ‘trocinhas’, agrupando-se os imaturos em qualquer lugar: no meio das ruas, nas calçadas, nos campos, nos terrenos baldios, nos quintais grandes, etc” (Fernandes, 1961:165).

As trocinhas, segundo Fernandes, são geralmente de duas ordens: as de meninas e as trocinhas de meninos que “[...] passam dos jogos para o ‘bate-bola’ (quando não começam por aqui mesmo) e acabam formando ‘timinhos’”. (Fernandes, 1961:160). Segundo o autor, as trocinhas femininas mantêm com maior facilidade os aspectos folclóricos, enquanto os meninos “fogem um pouco – com a natação, o futebol, etc”. (Fernandes, 1961:161). O autor nos descreve também a importância e a disseminação que possui o futebol na vida das “trocinhas”: “Entre o bairro da Luz e do Bom Retiro, num total de onze ruas, estudamos dezesseis ‘trocinhas’, das quais dez tinham sua equipe infantil!” (Fernandes, 1961, p. 164).



tempo, de um jogador profissional que não tivesse jogado bola na várzea ou na rua<sup>23</sup>.

No entanto este profundo relacionamento entre o lúdico e a cidade foi fugaz. Se foi impressionante a rapidez com que, em menos de meio século, o futebol (improvisado, varzeano) ocupou e transformou radicalmente as formas de uso do tempo e produziu toda uma espacialidade do jogo que criou uma verdadeira geografia lúdica em São Paulo; não menos impressionante foi a rapidez com que esta forma lúdica de usar o tempo e todo seu espaço produzido para o jogo foi destruído.

### **Do lúdico ao lucro: a drástica transformação nas formas de uso do espaço-tempo a partir da retificação dos rios Tietê e do Pinheiros.**

Os limites da reprodução da várzea, enquanto momento e lugar do lúdico, iam sendo ceifados pela industrialização e seu necessário atrelamento à urbanização da sociedade. Soma-se a isto a crescente sistematização do esporte, que no Brasil (e em São Paulo) dá um salto com a transformação do futebol em atividade profissional. De forma conjunta, pois é parte do mesmo processo, o esporte abocanha o jogo varzeano ao colocar a possibilidade de ganhar a vida com o futebol<sup>24</sup> e, ao mesmo tempo, os terrenos dos entorno dos rios vão adentrando o processo de urbanização de forma substancial. O esporte assalta o jogo, ao passo que a propriedade toma o campo.

[...] do processo de valorização estes atributos do tempo e do espaço, seriam gradativamente alterados. O futebol de várzea iria perdendo plasticidade e mobilidade em São Paulo à medida que os planos de enxugamento das várzeas começaram a limitar as práticas de futebol nas planícies aluviais dos rios de São Paulo, ou, nas várzeas paulistanas; e, sobretudo quando e porque, o sistema de necessidades inerente à formação da sociedade do trabalho fosse invadindo e determinando o cotidiano das pessoas de modo inexorável<sup>25</sup>.

A rapidez com que tinha sido produzida, toda uma geografia lúdica na São Paulo dos mil campos de várzea e mais de setecentos clubes se realizou também no desmonte deste processo. Aliás, não se pode sequer dissociar um momento do outro, visto que estes processos se sobrepujam em termos espaço-temporais. Se é possível identificar o que chamei de popularização radical, sobretudo nas décadas de dez e vinte, com o surgimento de centenas de campos de várzea<sup>26</sup>, é

<sup>23</sup> O próprio Pelé teve sua passagem formadora por ambos. Em um depoimento expõe sua relação com o futebol de rua: No livro “Eu Sou Pelé”, de 1961, o rei do futebol diz: [...] saímos à procura de meias velhas para fazer a bola, após uma breve reunião defronte a minha casa. Não demorou muito e havia meias até demais, algumas quase boas ainda, com furinhos pequenos demais para que elas fossem jogadas fora. Fizemos a bola e logo armamos a nossa primeira ‘pelada’ oficial, na rua da minha casa. Sapatos serviam de traves (eram poucos os que tinham) para os dois gols. (Shirts, 1982, p. 55)

<sup>24</sup> “A expectativa do profissionalismo que, na verdade, só existia para alguns craques, iria quebrando a unidade de princípio pressuposta no jogo como divertimento, recreação, gratuidade. Portanto, foi nesse contexto contraditório, de festa, de lúdico, de família, de patrões e de políticos interessados no futebol de várzea, que se propôs o problema do profissionalismo para o jogador de várzea” (Seabra, 2003, p. 378).

<sup>25</sup> Seabra, 2003, p. 377

<sup>26</sup> Que, como pontuei na em outra parte do texto, transcenderam as planícies e chegaram a áreas não diretamente vinculadas aos rios, mas que pela força do fenômeno das várzeas assim foram nomeados.

também já na década de vinte que a urbanização começa a ganhar corpo e se mover sobre esta produção do espaço lúdico. Entretanto, é a partir da década de quarenta que o processo de urbanização (já acompanhado do profissionalismo futebolístico implantado nos anos trinta) avança, inexorável, em força e quantidade passando a sufocar a tal geografia do lúdico que se podia encontrar disseminada na espacialidade, sobretudo varzeana, da cidade.

Sem dúvida alguma o principal marco divisor deste processo sistêmico de eliminação dos campos de várzea (e conseqüentemente de boa parte da espacialidade gratuitamente destinada ao jogo) são as obras de retificação dos rios Pinheiros e Tietê. Como já foi dito em nota, este processo abarcou uma área de nada menos que alguns trilhões de metros quadrados que, depois de retificados os rios, passaram a ocupar um novo lugar na urbanização da cidade, não configurando mais uma franja distante e desprezível mas sim uma nova fronteira para os negócios imobiliários urbanos<sup>27</sup>. Em texto publicado no “Correio Paulistano” de 26 de novembro de 1948 já é possível ver o colapso da espacialidade produzida pelo e para o lúdico:

O que mais aflige atualmente os clubes varzeanos é, sem dúvida alguma, a falta de campo para a prática do futebol menor. Com o crescimento vertiginoso da nossa capital, vão rareando os terrenos ao redor da cidade que se prestam à prática do esporte preferido pela nossa gente. Infelizmente, a municipalidade nunca se interessou pelos clubes varzeanos. E a esses clubes não sobram recursos para a aquisição de terrenos que hoje custam uma verdadeira fortuna<sup>28</sup>.

Também em depoimento de pessoas que viveram naquela época é possível visualizar a força desagregadora deste processo:

O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo para a fábrica [...] antes o pessoal estava espalhado nas várzeas e nos bairros jogando mesmo [...] quando foi morrendo o jogo da várzea e o futebol de bairro, começou a se concentrar o público nos estádios<sup>29</sup>.

O depoimento acima é esclarecedor não só da magnitude da transformação dos campos em lugares de trabalho e de moradia, como também já aponta para as decorrências advindas desta rarefação dos espaços lúdicos. Partindo deste depoimento não é difícil constatar que a morte do jogo na várzea, o fim da possibilidade de se jogar, abriu o caminho para a conformação de uma massa crescente de espectadores. A cidade dos jogadores foi sendo transformada na cidade dos assistidores, dos torcedores. Se não há mais praticantes (pelo menos não na mesma proporção e nos mesmos moldes: irradiando por todos só lados da cidade), resta tão somente a possibilidade de ser espectador.

---

<sup>27</sup> Nos ajuda a visualização deste processo saber que o departamento de terras da empresa Light se tornou, em poucos anos, o principal departamento superando, inclusive, o de energia. Também é notório citar a presença da “The Company City”, empresa inglesa que loteou, entre outras áreas, os chamados jardins (América, Europa), valorizando enormemente as áreas próximas ao Pinheiros.

<sup>28</sup> Apud In: Seabra, 2003, p. 380

<sup>29</sup> Bosi, 1983, p. 88

De modo que o processo que vai do lúdico ao lucro se concretiza *no* campo e *com* o campo.

*No* campo pois a profissionalização e a sistematização do esporte definitivamente iam se contrapondo ao jogo. A modernização da sociedade pode ser sentida aqui como um processo que atravessa a vida cotidiana e, neste caso, desmonta uma complexa rede de relações embasadas no futebol improvisado e varzeano. A cidade do trabalho avançava levando-o nos interstícios do tempo do ócio, tornando-o negócio, como nos mostrou Odette Seabra<sup>30</sup>. A profissionalização do futebol, no bojo da cotidianidade urbana, gerou uma transformação profunda na forma de jogar, e aquela oposição do tempo do jogo avesso ao do trabalho foi desaparecendo como realidade generalizada nos finais de semana e feriados. O futebol vira um meio para tentar garantir a sobrevivência, e com esta não se brinca.

*Com* o campo pois como se pode ver, inclusive no depoimento recolhido por Bosi (1983), a produção do espaço regido pelas relações sociais de produção se sobrepôs brutalmente àquele espaço produzido para e pelo lúdico. O rápido crescimento urbano submetido à lógica implacável da mercadoria fez com que cada metro quadrado de campo fosse contabilizado em dinheiro, com preços cotados no mercado. Ademais, os campos eram capazes de reunir áreas relativamente grandes<sup>31</sup> de forma contínua, sendo atrativos às fábricas e prédios comerciais ou residenciais. É relevante notar que este processo ainda segue em curso, e os poucos campos de várzea ainda existentes pela cidade (não mais que uma centena deles) continuam na mira da especulação e dos negócios com o espaço, pelos mesmos motivos descritos acima. Tal fato demonstra a profundidade, a extensão e a força com que o espaço para o jogo adquiriu na cidade, visto que mesmo depois de sete, oito décadas de incorporação sistemática destas áreas pelo mercado elas ainda, enquanto resíduo, existem e resistem.

As obras de retificação dos rios Pinheiros e Tietê foram iniciadas pela Light com intuito de levar as águas destes dois rios para a usina hidrelétrica de Henri Borden: “A Lei n.2249 de 27 de dezembro de 1927 concedia à Light o direito de captar águas diretamente do Tietê para lançá-las na vertente oceânica da Serra do Mar em Cubatão, realizando para tal fim a reversão do curso original do Rio Pinheiros.”<sup>32</sup>

A permissão dada a Light para reverter o curso do rio Pinheiros e canalizar este rio bem como o rio Tietê veio acompanhada de uma concessão que destinava todas as terras no entorno deste rios para o pleno controle da empresa Light. A empresa assegurou a incorporação dos terrenos das várzeas por meio do decreto 4487, bem como do decreto 8372<sup>33</sup> que concediam à Light todos os terrenos das obras de retificação do Pinheiros e também aqueles que estavam abaixo da linha máxima da enchente de 1929, respectivamente.

[...] a compreensão de que as obras em projeto ao mesmo tempo integravam o circuito de capital produtivo de energia, na sua forma material permaneciam fixadas no espaço da

---

<sup>30</sup> Seabra, 2008

<sup>31</sup> Cada campo de futebol profissional possui, em média, um hectare, cerca de dez mil metros quadrados.

Evidentemente nem todos os campos da várzea possuíam esta metragem que é oficial, mas era também possível encontrar áreas maiores que estas pois haviam grandes campos e para além deles também existiam, em vários casos, clubes com sede, estrutura social, etc.

<sup>32</sup> Seabra, 1987, p. 160

<sup>33</sup> Ver Seabra, 1987, p. 190-191)

cidade; alteravam substancialmente as possibilidades de uso da terra. Redefinia-se tais possibilidades no sentido de uma adequação às necessidades novas que surgiam do crescimento e modernização da cidade. Assim, o capital produtivo aplicado nos circuito de produção de energia tinha também a propriedade de produzir materialmente a cidade e com isso os terrenos adjacentes às obras acumulariam um sobre-preço, ou uma renda diferencial derivada dos investimentos projetados<sup>34</sup>.

Este momento configura o ponto crucial da guinada radical que se deu nas transformações do uso do espaço e do tempo na cidade de São Paulo. De agora em diante as várzeas dos rios Tietê e Pinheiros eram de propriedade da Light que logo tratou de eliminar todas as atividades não produtivas e que não lhe traziam lucros. O futebol de várzea, jogado nas margens destes rios, foi um dos primeiros a serem proibidos.

Mas o domínio de fato por parte da Companhia [Light], das terras do Vale do Pinheiros era cada vez maior. E isso ficava patente pelos inúmeros pedidos de permissão para a utilização do rio e das várzeas. Eram pedidos para cortar lenha, levar gado a beber água, para jogar futebol nas várzeas aos quais invariavelmente se deu resposta negativa, sob alegação de que não se poderia perturbar o andamento das obras. Sobre todos os pedidos decidia pessoalmente o Sr. A.W.K. Billings<sup>35</sup>.

Conforme também procurei expor no artigo “Henri Borden; industrialização e urbanização apresentado no II Simpósio Internacional Eletrificação e Modernização Social” realizado em São Paulo em 2013, o objetivo das obras de retificação e canalização do Pinheiros e do Tietê, com a inversão das águas do primeiro, com a consecutiva utilização das águas destes dois rios era para que estas águas fossem lançadas na vertente escarpada da Serra do Mar, onde estava instalada e usina hidrelétrica de Cubatão (Henri Borden).

A Light promoveu uma interligada, complexa e grandiosa produção espacial na cidade de São Paulo tomando para si o controle de parte relevante das terras disponíveis nesta cidade por meio do controle dos rios Pinheiros e Tietê e de suas terras de várzea.

Sem dúvida este processo de retificação e de canalização destes rios, concluído nos meados do século vinte, foi o ponto culminante de transformação radical das possibilidades de uso no espaço urbano paulistano e de eliminação da ampla e radical geografia lúdica, que se desenrolou nesta cidade, sobretudo nas várzeas dos rios Tietê e Pinheiros.

Este processo marca, é um marco, na constituição da metrópole de São Paulo que vê seus espaços sendo disputados, tomados, por atividades econômicas (industriais, imobiliárias, etc.) que não permitem, que eliminam, espaços ociosos e gratuitos onde se desenrolavam jogos e outras atividades lúdicas (pescar, nadar).

A Light, notadamente conhecida pela força de seu monopólio e de suas vigorosas estratégias de acumulação, seja por meio da geração e venda de energia ou seja por meio de atuação no campo imobiliário e financeiro, também precisa ser reconhecida por sua forte contribuição para a

---

<sup>34</sup> Seabra, 1987, p. 166

<sup>35</sup> Seabra, 1987, p. 224-225

implementação de uma cidade destituída de espaços gratuitos e destinados às mais variadas práticas lúdicas. A formação da metrópole de São Paulo está intimamente relacionada com a destruição das possibilidades de divertimento gratuito, com a sistêmica eliminação do futebol de várzea.

Por fim, para dar ênfase a tal argumento, me utilizo, uma vez mais, das considerações tecidas por Seabra (1987) em sua relevante e imprescindível pesquisa de doutoramento, que dá mostras da drástica mudança promovida nas formas de uso do espaço e do tempo na cidade de São Paulo a partir da retificação dos rios Tietê e Pinheiros:

Também compreendi e procurei expressar o processo de transformação dos rios e das várzeas como uma síntese contraditória que contém e expressa, de um lado, a separação e a perda, e de outro, a socialização e o ganho. A separação e a perda se concretizam pela constituição dos rios e das várzeas como espaço social, objetivação de múltiplas e variadas tecnologias, para se constituírem numa força produtiva social, e nesse sentido, ser ganho.

A separação e a perda foi também a subtração dos rios e das várzeas como lugar do lúdico, como espaço de representação da vida. Foi a sua subtração do universo simbólico da cultura. O interesse teórico mais geral dessa constatação, ao que me parece, está em mostrar que no tempo foi se esvaindo o sentido prático da sua existência.

[...] a perda das várzeas foi a perda do lugar do lúdico, lugar do não fazer nada, fazendo; isso abriu possibilidade para criação de muitas e variadas mercadorias, das quais são exemplo os clubes fechados, que se proliferaram em São Paulo nos anos sessenta. Mas as mercadorias são valores que se medem em dinheiro, por isso apenas um conjunto de produtores e de consumidores as realizam. Dessa perda, sem solução para o conjunto da sociedade, nasce uma dimensão do que Henri Lefebvre denomina direito à cidade<sup>36</sup>.

## Bibliografia

*BOLETIM HISTÓRICO DA ELETROPAULO*, São Paulo, 1985.

DAMIANI, Amélia Luisa. "A crise da cidade: os termos da urbanização". In: Amélia L. Damiani, Ana Fani A. Carlos, e Odette C. L.(Seabra org.), *O espaço no fim de século*. São Paulo: Contexto/USP, 1999, 118.

DEBORTOLI José Alfredo O., MARTINS Maria de Fátima A., MARTINS, Sérgio. *Infâncias na Metrópole*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anambi, 1961.

GONÇALVES, Glauco R. *A crise da cidade em jogo: O futebol na contramão em ruas da Penha*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2011.

GONÇALVES, Glauco R. Henri Borden: Urbanização e Industrialização. In: *II Simpósio Internacional Eletrificação e Modernização Social*. São Paulo: Universidade de São Paulo,

---

<sup>36</sup> Seabra, 1987, p. 255-256

2013.

- HIRATA, Daniel V. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputa pelo espaço em São Paulo.*, São Paulo: Dissertação de mestrado, FFLCH, 2005.
- MENDES, Dirceu P.S.; POLETI, Iraci D.; SOARES, Luiza M.A. A formação do grupo Ligth: apontamentos para sua história administrativa. *Memoria Eletropaulo*. São Paulo. n. 24, jun1996/jun1997. pp 35-61
- MUMFORD, Lewis. *La Ciudad em la Historia*. (vol.I e II) Buenos Aires, Infinito, 1979.
- PONTES, José Alfredo O.V. O Brasil na visão da Light. *Memória*, São Paulo. n.7. 1992. pp 51-60,
- RODRIGUES, Fátima M. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FFCLH, 1992.
- RIBEIRO, André. *Os Donos do espetáculo*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- SAES, Flávio. Café, indústria e eletricidade em São Paulo. *História & Energia*. São Paulo: Eletropaulo/Departamento de Patrimônio Histórico, 1986. p. 21-31.
- SANTOS NETO, José Morais. *Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SEABRA, Odette C.L. Meandros dos Rios nos Meandros do Poder Tietê e Pinheiros: Valorização dos Rios e das Várzeas na Cidade de São Paulo. *Tese de Doutorado em Geografia Humana* apresentada à FFLCH – USP, 1987.
- SEABRA, Odette C.L. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações no bairro do Limão*. Tese de Livre Docência – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SEABRA, Odette C.L. “Território do uso: cotidiano e modo de vida”. In: *Cidades: Revista Científica Grupo de Estudos Urbanos*, v.1, n.1, 2004. Presidente Prudente: UNESP, 2004. p.181-206.
- SEABRA, Odette C.L. Futebol: do ócio ao negócio”. In: José Alfredo O. Debortoli, Maria de Fátima A. Martins, Sérgio Martins. *Infâncias na Metrópole*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- SILVA Netto. Euclides B. *O mundo fascinante do futebol de várzea*. São Paulo: João Scortelli, 1997.
- SHIRTS, G. Matthew. “Futebol no Brasil ou Football in brazil?”. In: José S. Witter, José C. Meihy. (org). *Futebol e cultura coletânea de eEstudos*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- SHIRTS, G. Matthew. “Literatura futebolística: uma periodização.”. In: José S. Witter, José C. Meihy. (org). *Futebol e cultura coletânea de eEstudos*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- SOUZA, Edgar. *A história da Light: Os primeiros cinquenta anos*. São Paulo: Eletropaulo, 1982.